

A CONSTRUÇÃO DO GRUPO: DESAFIO PARA SUPPORTAR AS DIFERENÇAS¹

Maria do Carmo Ribeiro ABREU²

O mais importante e bonito no mundo é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais
ainda não foram terminadas – mas que elas
vão sempre mudando.

GUIMARÃES ROSA

RESUMO

Neste artigo procuramos refletir sobre os diferentes movimentos constitutivos de um grupo e as implicações de cada um deles no processo de ensinar e aprender.

Qual é a concepção de grupo que nos move no trabalho coletivo da escola?

Conforme Madalena Freire (1996), uma das formas de conceituar “o que é grupo” é pensá-lo como agrupamento homogêneo constituído, por exemplo, pelos alunos fortes, fracos e médios. Nessa concepção há papéis cristalizados, formando uma massa para condensar as igualdades, esconder as diferenças e evitar confrontos. Grupos homogêneos geram a competição, classificando genericamente os sujeitos pelo resultado obtido, não pelo processo que conta a história de cada Ser em particular.

¹ Este trabalho é parte do referencial teórico do relatório monográfico apresentado para a conclusão do Curso de

Especialização em Psicopedagogia, na UCG, 1996.

² Professora de Didática Geral na FFCC.

Se tomarmos a teoria proposta por Paulo Freire, no que se refere à tarefa do educador, podemos afirmar que, se há competição no grupo, a sua ação estará afetada do ponto de vista emocional e objetivo, considerando que ele diz:

O educando devia ser estimulado, desafiado para assumir um papel de sujeito que conhece, dirigindo-se ao objeto do conhecimento o qual o educador não pode deixar de lado e em torno do qual o educador deve exercer o seu papel. (FREIRE, 1991, p. 42).

A competitividade compromete a unidade social do grupo, não constrói vínculo³ e desarticula os três princípios básicos da estrutura de todo grupo humano: “a pertença, a cooperação e a pertinência.” Nessa situação, a tarefa - finalidade do grupo - paralisa-se. Há o congelamento da dinâmica das ações, engessando a circularidade e a socialização do conhecimento. Cada sujeito esconde o que sabe e, na relação com outros sujeitos, exhibe-se, criando os tipos de vínculos “perverso” e “neurótico”. (FERNANDEZ, 1994, p.72). A formação de grupos homogêneos provoca, geralmente, em quem aprende a inibição do pensamento.

Tudo isso, amarra o funcionamento do “grupo operativo”⁴ pois, assim, o grupo concentra suas energias e esforços muito mais no que se refere à luta interna do que na ação que se propõe realizar.

Um grupo movido pela competição traz como marca registrada a cristalização de papéis. Segundo Pichon - Riviére, citado por FREIRE (1992) são cinco os papéis que constituem um grupo: “líder de mudança”, “líder de resistência”, “bode expiatório”, “representante do silêncio” e “porta - voz”.

³ - Vínculo, no presente trabalho, é tomado na concepção de Pichon - Riviére (1991), significando ser: estrutura complexa de interação, não de forma linear, mas em espiral, fundamento do diálogo operativo, onde em cada giro há uma realimentação do ego e um esclarecimento do mundo.

⁴ - Grupo Operativo: Técnica criada por Pichon - Riviére cuja finalidade centra-se na ruptura de estruturas estereotipadas, movimentando a criação de um novo *esquema referencial* e possibilitando a cura.

Na competição não há o rodízio desses papéis, enclausurando cada participante no primeiro movimento do grupo: “O sonho da homogeneidade”. Nesse grupo só existe o espaço para o EU.

Na busca das semelhanças exorciza-se o conflito, instalando a relação autoritária ou espontaneísta. “Para sobreviver, grupos cristalizados nesse primeiro movimento, pelo não enfrentamento dos conflitos gerados pelas diferenças de informações (fútricas, fofocas) de uns para outros, gerando um movimento de fracionamento de grupos em pequenos sub-grupos. Resultado disso é a infantilização das relações. Infantil porque não se exercita o espaço de diferenciação, individualização entre igual e com o modelo”. (FREIRE, 1993, p.28.)

Indagamos: como a dialética ensinar/aprender pode concretizar-se na tarefa de tornar o outro sujeito, se o grupo encontra-se paralisado pela busca do homogêneo?

Em geral, toda construção de grupo passa por este movimento de busca das semelhanças e evolui, se houver um mediador, para desarticular a homogeneidade, possibilitando a divergência e o nascimento da heterogeneidade. Eu me constituo na diferença do outro. Através dele tenho o meu retrato. O outro me diz quem eu não sou. Eu me denuncio para o outro.

O poder, a competição, a cristalização de papéis circulam neste movimento. Sou diferente, mas pertenço a um grupo que, buscamos algo em comum: momento do EU/TU. Nessa fase, a dificuldade de suportar, na semelhança, a diferença do outro de mim pode provocar o desmantelamento do grupo.

Oportunizar que o outro seja sujeito cogniscente exige do educador operatividade para que ele se dirija ao objeto do conhecimento. Se este não está numa luta consciente de seus valores; se não assume, em nome de quem e de que atua, para que o faz; se lhe falta a sua visão de homem e de

sociedade, provavelmente, não terá condições afetivas e emocionais para desenvolver ações que exijam contribuir na construção de seus próprios inimigos, se assim pode dizer - competidores como ele.

Se o grupo suportar as diferenças, aparece um novo movimento chamado, por FREIRE, de *NÓS*. "Eu não sou você, você não é eu. Mas sou mais eu, quando estou com você" (1992, P. 53). Há a possibilidade de, através da interação, no exercício das divergências, no confronto das idéias eu me constituir para me assumir como identidade. Nasce, também, desse movimento a operatividade que impulsiona a circularidade do conhecimento e a vivência da cidadania. É o "*grupo operativo*", formando uma teia com os grupos que me habitam.

Os partícipes de um grupo operativo pensam o pensamento e nutrem-se da sabedoria apropriada da relação com outro e consigo próprio. Reportando a FERNANDEZ (1990, p. 72), podemos associar a modalidade de ensinar "mostrar/guardar" à dinamicidade do grupo operativo. Neste, o conhecimento é apropriado. Há elaboração "objetivante" e "subjetivante". Isto é saber. Entretanto, nos grupos competitivos, as modalidades de ensinar "exibir/inibir" ou "guardar" são as que se ajustam a esta estrutura grupal. Neste contexto, o conhecimento é sempre de fora. É do outro. Há, apenas, a elaboração "objetivante". A pergunta não se instala e a autonomia do pensamento fica subordinada ao poder do outro.

Tudo indica que o exercício de ensinar/aprender em grupos de professores que vivenciam explicitamente a competição, compromete de forma direta a aprendizagem - conhecimento + sabedoria. Pois, um dos lados teria compromisso com ele mesmo e não com a dialética e complexidade do binômio ensinar/aprender.

Devemos identificar, basicamente, o ato de ensinar e aprender com o ato de inquirir, indagar ou investigar, e caracterizar a unidade "ensinar e aprender" como uma contínua e dialética experiência de aprendizagem em espiral, onde, em um clima de plena interação descobrem ou redescobrem, aprendem e "se ensinam". (PICHON – RIVIÉRIE, 1994, p. 124)

Se tomarmos as afirmações acima, fundadas no pensamento de PICHON – RIVIÉRIE (1994) e de FREIRE (1992 e 1996), podemos dizer que a aprendizagem tem uma relação íntima com o grupo que a desenvolve, portanto, se este grupo apresenta dificuldade na organização do seu poder interno, interfere na circulação do conhecimento e nos vínculos que possam ser estabelecidos entre os que participam diretamente do processo de aprendizagem.

Abstract:

ABREU, Maria do Carmo Ribeiro. Construction of the group: I challenge to support the differences. *Temporis(Ação); Goiás, V.1, N.1 - junho/1997.*

In this article we tried to contemplate about the different constituent movements of a group and the implications of each one of them in the process of to teach and to learn.

BIBLIOGRAFIA

FERNANDEZ, Alícia. **A inteligência Aprisionada**. Ed. Porto Alegre: ArtesMédicas, 1990.

FREIRE, Madalena. *O que é grupo?* In: **Paixão de aprender**. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1993. P. 59-68.

_____, VI ENCONTRO DE PSICOPEDAGOGIA. Conferência: **A paixão de aprender: Grupo sala de aula**. Goiânia, 1.996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____, *O sujeito no ato de conhecer*. In: **O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon-Riviére**. Petrópolis: Vozes, 1991. P. 41-

PICHON-RIVIÉRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes,